

4

***Tetrabiblos*: começando uma reescrita**

Esta ciência se chama astrologia, disse D. Quixote.
Miguel de Cervantes

Em certo sentido, [...] Aristóteles pode ser considerado
o avô da Astrologia helenística, que adquiriu sua forma madura
no *Tetrabiblos* de Ptolomeu.
Roberto Martins

O objetivo desta tese é examinar a transmissão da obra astrológica de Ptolomeu da Antiguidade ao Renascimento, construindo uma biografia do *Tetrabiblos* e problematizando o status tradicional de autores e textos, aqui vistos como constructos históricos. Trata-se de uma história de traduções. No entanto, antes de mais nada, precisamos conhecer o nosso objeto, conhecer o texto ptolomaico nas formas em que ele circula hoje em dia. Para isso, neste capítulo, mostraremos um estudo desse texto com base nas duas edições críticas que temos disponíveis em inglês e italiano e também nas outras edições do *Tetrabiblos* a que tivemos acesso. Maior ênfase será dada aos três primeiros capítulos, notadamente teóricos, que também foram objeto, ao longo da escrita desta tese, de uma tradução comentada (ainda inacabada) do grego para o português.

4.1

Estudo dos quatro livros

Neste estudo, a parte destinada ao primeiro livro do *Tetrabiblos* é mais extensa por seu caráter descritivo dos fundamentos técnicos da teoria astrológica. Os outros três tratam da aplicação desses fundamentos tanto num âmbito geral (países, cidades e povos), quanto particular (indivíduos), sendo bem menos extensos em nossa exposição, pois são descrições minuciosas de todas as combinações possíveis para fazer interpretações, o que não nos interessa nesta tese. As edições do *Tetrabiblos* usadas aqui foram as seguintes:

- Tradução do grego para o inglês, de F. E. Robbins (1940);
- Tradução do grego para o italiano, de Simonetta Feraboli (1989);

- Tradução (da *Paráfrase*), do grego para o inglês, de J.M. Ashmand (1822);
- Adaptação para o francês atual, de André Barbault (1986);
- Adaptação para o francês atual, de A.V. (1993);
- Tradução do latim para o espanhol, de Demetrio Santos (1987);
- Tradução do inglês (Robbins) para o português, de CMM, QHP (s/data).

Os três primeiros capítulos do Livro 1 tratam dos fundamentos filosófico-científicos, que serão analisados detalhadamente na próxima seção. A partir do capítulo 4, Ptolomeu começa a apresentar a teoria astrológica propriamente dita, de maneira bastante didática, tomando como base a física aristotélica, sempre buscando uma explicação conforme a natureza. Vale lembrar que, em Aristóteles, temos o casamento das doutrinas dos quatro elementos e das qualidades, que, por meio de familiaridade e simpatia, produz os “quatro corpos simples” da sua física (fogo, terra, ar e água): “o fogo é quente e seco, o ar quente e úmido (pois o ar é quase um vapor), a água fria e úmida, a terra fria e seca; assim, as diferenças se distribuem racionalmente entre os corpos primários e seu número responde a uma ordem lógica” (Aristóteles, 2001, p. 105).

Começando pelos planetas, é importante observar que Sol e Lua são enquadrados na mesma categoria dos planetas – também chamados de estrelas errantes – já que, da Terra, os luminares, assim como os planetas, movem-se contra o fundo fixo das estrelas, que, por esse motivo, denominam-se “estrelas fixas”. Em primeiro lugar, apresentam-se as qualidades dos planetas – quente, frio, úmido e seco –, e, a partir disso, é possível deduzir, no capítulo 5, se os planetas são benéficos ou maléficos, e, no capítulo 6, se são masculinos ou femininos. Segue abaixo um esquema tabular:

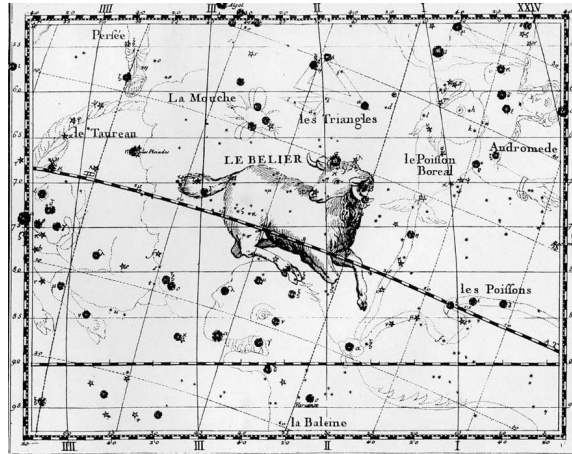
☉	Sol	Quente e seco	Benéfico/Maléfico	Masculino
☾	Lua	Quente e úmida	Benéfica	Feminina
☿	Mercúrio	Depende do ☉ e da ☾	Benéfico/Maléfico	Masculino/Feminino
♀	Vênus	Quente e úmida	Benéfica	Feminina
♂	Marte	Quente e seco	Maléfico	Masculino
♃	Júpiter	Quente e úmido	Benéfico	Masculino
♄	Saturno	Frio e seco	Maléfico	Masculino

No capítulo 7, o dia é definido como masculino (devido ao calor e força ativa), e a noite, feminina (devido à umidade e ao dom do descanso). Portanto Lua

e Vênus são noturnas; Sol e Júpiter são diurnos; Mercúrio é diurno, quando matutino, e noturno, quando vespertino. Os planetas maléficis foram atribuídos não por semelhança, mas exatamente pelo contrário, para quebrar o seu poder prejudicial, moderando-os: Saturno, ao calor do dia, e Marte, à umidade da noite.

No capítulo 8, Ptolomeu esclarece melhor as relações dos planetas com o Sol: a Lua e três planetas (Marte, Júpiter e Saturno) experimentam aumento ou diminuição de seus poderes de acordo com seus posicionamentos em relação ao Sol. Por exemplo, da Lua nova ao quarto crescente, a Lua produz mais umidade; do quarto crescente à Lua cheia, mais calor; da Lua cheia ao quarto minguante, mais secura; e do quarto minguante à ocultação, mais frio.

No capítulo 9 são apresentadas as estrelas fixas que se encontram na faixa zodiacal,³⁵ segundo as naturezas dos planetas com que se parecem. Por exemplo, as estrelas da cabeça do carneiro (Áries) têm natureza de Marte e Saturno, as da boca, de Mercúrio e Saturno, as da pata posterior, de Marte, e as da cauda, de Vênus. Na ordem do zodíaco,³⁶ o mesmo também é feito de Touro a Peixes. Na figura a seguir, uma representação da constelação de Áries. É possível perceber as estrelas nas partes mencionadas (cabeça, boca, pata e cauda do carneiro).



³⁵ Faixa do céu que se estende 8° acima e abaixo da eclíptica (plano da órbita da Terra), onde se encontram as constelações zodiacais. Do ponto de vista do observador terrestre, é o caminho anual do Sol em torno da Terra. As constelações zodiacais não devem ser confundidas com os signos. As constelações zodiacais são os 12 ou 13 grupamentos de estrelas atravessados pela eclíptica, que podem ocupar espaços variados da faixa zodiacal (por exemplo, a constelação de Câncer ocupa cerca de 20° e a de Escorpião, cerca de 50°), e através das quais o Sol e os planetas parecem se deslocar. A eclíptica divide-se em doze seções de exatamente 30° (os signos), a partir do ponto equinocial vernal, convencionado como o ponto inicial da eclíptica por ser o ponto de encontro com o equador celeste, e representado pelo grau 0 do signo de Áries (♈). Quando o Sol aí se encontra, é o início da primavera no hemisfério norte, e do outono, no sul.

³⁶ Áries (♈), Touro (♉), Gêmeos (♊), Câncer (♋), Leão (♌), Virgem (♍), Libra (♎), Escorpião (♏), Sagitário (♐), Capricórnio (♑), Aquário (♒) e Peixes (♓).

No capítulo 10, Ptolomeu nos lembra que o zodíaco é um círculo e que, portanto, não tem um começo natural. No entanto ele presume que a tradição considerou Áries o ponto de partida do zodíaco porque é o signo que começa com o equinócio vernal. Nesse sentido, ele apresenta as condições naturais das estações do ano e dos ângulos (pontos cardeais do mapa: horóscopo ou ascendente – ASC; descendente – DESC; meio-do-céu – MC; e fundo-do-céu – FC), afirmando que a potência dos astros varia de acordo com isso: em condições parecidas, sua qualidade é mais pura e sua potência mais forte, em condições opostas, seu poder é adulterado e mais fraco.

Primavera	umidade	Primeira idade da vida (delicadeza e viço)
Verão	calor	Segunda idade da vida (até plenitude)
Outono	secura	Terceira idade da vida (após plenitude)
Inverno	frieza	Quarta idade da vida (declínio, dissolução)

Leste ASC	Ventos secos, <i>Apeliotes</i>	Secam o que foi umedecido pela noite
Sul	Ventos quentes, <i>Notus</i>	Passagem do sol pelo MC
Oeste DESC	Ventos frescos e úmidos, <i>Zephyrus</i>	Umedece o que secou durante o dia
Norte	Ventos frios, <i>Boreas</i>	Passagem do sol pelo FC

Ptolomeu não apresenta propriamente um sistema de casas, mas é possível inferir de seu modelo o sistema de casas iguais, ou signo-casa. Assim como o espaço celeste foi dividido em doze signos, que nos servem como referência temporal (estações do ano), o espaço terrestre também foi dividido em doze setores, que correspondem às casas. Há vários sistemas de casas, e este é um dos maiores problemas da teoria astrológica (Donath, 1989). O sistema mais utilizado no Ocidente é o de doze casas. Cada casa é associada a um setor prático da vida, como trabalho, saúde, casamento, família, filhos, dinheiro. O mapa astrológico representa as posições dos planetas no céu numa determinada hora e num determinado local. O local em que essa manifestação ocorre pela primeira vez é representado no mapa por um grau zodiacal, chamado Ascendente, que é a cúspide da primeira casa, chamada por Ptolomeu de ὠροσκοπος (*horoskopos*).

O sentido do termo horóscopo foi sofrendo mutações ao longo do tempo. Do ponto de vista etimológico, horóscopo vem do grego *horoskopos* (*horo* + *skopos*), cuja raiz, *horo*, também está presente em *horologion* (relógio). *Horo*, além de nos ceder uma tradução direta – hora –, significa também estação, com suas características climáticas e de temperatura, ou qualquer duração particular, como dia, mês ou ano. *Skopos* também oferece uma tradução quase literal – escopo –, que podemos entender como visão, cenário ou ambiente de um objeto, mas que se traduz mais especificamente como “aquele que observa”, ou também guardião. Para os gregos, levantar o horóscopo de uma pessoa era o que hoje chamamos de fazer o seu mapa astrológico, com base nos dados de nascimento (data, hora e local), ou seja, estabelecer a qualidade daquele tempo, o cenário do evento em questão, que se dá impreterivelmente numa certa duração: o seu tempo de vida. O horóscopo seria, então, uma forma de “guardar a hora”, de deixar registrado num mapa o que acontecia no céu naquele momento único em que se dá à luz alguma coisa, seja uma pessoa ou um evento. Para a astrologia, esse instante marca a presença dessa pessoa ou evento no mundo.

Atualmente, quando se fala em horóscopo, o que vem logo à mente é a imagem das colunas de jornais e revistas, ou dos programas de rádio e televisão. É preciso lembrar que as colunas astrológicas foram criadas no início do século XX com apelo comercial e, de maneira geral, não eram escritas por astrólogos. Com os novos veículos de comunicação de massa, a astrologia ganhou popularidade mas também se descaracterizou, pois a tipologia planetária própria da teoria astrológica foi substituída pela tipologia dos signos, mais simples e acessível ao leigo, porque basta saber o dia e o mês do nascimento para saber o seu signo solar, sendo dispensável a presença de um astrólogo para essa tarefa. Entretanto há que se lembrar também uma tendência que vem surgindo há poucos anos, pelo menos no Brasil. Algumas colunas são escritas por astrólogos profissionais, que desenvolveram técnicas apropriadas para esse fim, como é o caso de Bárbara Abramo, na *Folha de São Paulo*. Essa tendência indica um cuidado maior dos meios de comunicação com o saber astrológico, muito embora ainda se encontrem colunas de horóscopo escritas por pessoas sem formação em astrologia, que apenas escrevem vaguidades usando o jargão astrológico.

No capítulo 11, desdobra-se um pouco mais o capítulo anterior, classificando os signos de cada estação em solsticiais ou equinociais (os primeiros

signos de cada estação), sólidos (os signos intermediários de cada estação) e bicorpóreos (os signos do fim de cada estação). Hoje em dia encontramos com mais frequência a seguinte classificação: signos cardinais (em vez de solsticiais e equinociais), fixos (em vez de sólidos) e mutáveis (em vez de bicorpóreos).³⁷

Solsticiais	Câncer e Capricórnio	
Equinociais	Áries e Libra	
Sólidos	Touro, Leão, Escorpião e Aquário	Propriedades mais firmes da estação, nos sentimos mais habituados e estamos mais sensíveis ao seu poder
Bicorpóreos	Gêmeos, Virgem, Sagitário e Peixes	Entre os sólidos e os solsticiais/equinociais, partilham das propriedades dos dois estados do tempo

Seguindo a sua apresentação sistemática, no capítulo 12, Ptolomeu também classifica os signos em masculinos e femininos. Segundo ele, a ordem é alternada porque o dia está sempre ligado à noite e próximo dela, como o feminino e o masculino. Áries e Libra, tomados como base, são considerados masculinos e diurnos, pois o círculo equinocial que passa por eles realiza o primeiro e mais poderoso movimento de todo o universo:

♈	Áries	Masculino	Libra	♎
♉	Touro	Feminino	Escorpião	♏
♊	Gêmeos	Masculino	Sagitário	♐
♋	Câncer	Feminino	Capricórnio	♑
♌	Leão	Masculino	Aquário	♒
♍	Virgem	Feminino	Peixes	♓

No capítulo 13, apresentam-se os aspectos (certas distâncias consideradas significativas entre os planetas) com base nos signos, ao contrário da visão contemporânea, que tende a pensar nesse conceito somente em relação aos planetas, aplicando o número de graus do aspecto, independentemente dos signos envolvidos. Para Ptolomeu, as partes do zodíaco são familiares se estiverem em

³⁷ Cada estação do ano corresponde a três signos, sendo que cada um deles representa uma fase da estação: o início, o meio e o fim. As estações começam sempre com os signos cardinais (Áries, Câncer, Libra e Capricórnio), aos quais se seguem os signos fixos (Touro, Leão, Escorpião e Aquário). O fim das estações equivale aos signos mutáveis (Gêmeos, Virgem, Sagitário e Peixes).

aspecto, e a classificação harmônico/desarmônico decorre de o aspecto ser composto de signos de mesmo tipo (masculino ou feminino) ou não.

Oposição	abrange dois ângulos retos, seis signos	180 graus	Desarmônico
Trígono	abrange um ângulo reto e um terço, quatro signos	120 graus	Harmônico
Quadratura	abrange um ângulo reto, três signos	90 graus	Desarmônico
Sextil	abrange dois terços de um ângulo reto, dois signos	60 graus	Harmônico

Outra classificação dos signos aparece no capítulo 14: signos comandantes e signos obedientes. O zodíaco é dividido a partir dos equinócios, constituindo então dois grupos de signos com a mesma distância dos signos equinociais (Áries e Libra), pois ascendem no mesmo período. Os que estão no “verão” (à esquerda) são comandantes, pois o dia é mais longo. Logo Touro “manda” em Peixes, Gêmeos em Aquário e assim por diante. Há também os signos que se contemplam e de igual poder. São os que apresentam a mesma distância dos signos tropicais (Câncer e Capricórnio), pois os dias são iguais às noites, a duração de suas próprias horas é a mesma e cada um deles se levanta e se põe na mesma parte do horizonte. Isso é apresentado no capítulo 15.

	Áries		Câncer	
Touro	→	Peixes	Leão ↔	Gêmeos
Gêmeos	→	Aquário	Virgem ↔	Touro
Câncer	→	Capricórnio	Libra ↔	Áries
Leão	→	Sagitário	Escorpião ↔	Peixes
Virgem	→	Escorpião	Sagitário ↔	Aquário
	Libra		Capricórnio	

No capítulo 16 são definidos os signos disjuntos, aqueles que não apresentam nenhuma das familiaridades mencionadas, ou seja, os que não fazem aspecto; e, no 17, partindo do princípio de que há familiaridade entre planetas e signos, Ptolomeu mostra as casas dos vários planetas, conceito hoje em dia mais comumente chamado de regência: os planetas regem signos. Começando em Câncer e Leão, que são os signos que produzem mais calor (verão no hemisfério

norte), a esses dois signos foram atribuídos os astros mais poderosos. O Sol, que é masculino, rege o signo masculino (Leão) e, de maneira geral, todo o semicírculo de Leão a Capricórnio (5 signos, 5 planetas). A Lua, que é feminina, rege o signo feminino (Câncer) e todo o semicírculo de Aquário a Câncer (5 signos, 5 planetas). Saturno, que é frio e tem a órbita mais alta e afastada dos luminares, rege os signos de inverno, opostos aos luminares: Capricórnio e Aquário. Júpiter, que é moderado, abaixo da esfera de Saturno, rege os signos seguintes aos de Saturno: os ventosos e fecundos Sagitário e Peixes (triangular aos luminares). Marte, que é seco e abaixo da esfera de Júpiter, rege os signos contíguos aos de Júpiter: Escorpião e Áries (quadratura com os luminares), cuja natureza é semelhante à qualidade desarmoniosa de Marte. Vênus, que é temperada e abaixo da esfera de Marte, rege os signos seguintes aos de Marte: os férteis Libra e Touro (preservam a harmonia do aspecto sextil, já que Vênus nunca está mais do que dois signos afastada do Sol). Mercúrio encontra-se abaixo das esferas dos outros e mais perto dos luminares, nunca ficando mais do que um signo distante do Sol, rege os signos de Gêmeos e Virgem, que são contíguos aos signos dos luminares.

♈	☉♌	♍
♎	♀	♏
♐	♋	♌
♍	♎	♏
♐	♑	♒
♓	♈	♉

No capítulo 18, Ptolomeu mostra outra familiaridade entre planetas e signos, a familiaridade dos triângulos, partindo do princípio de que a forma triangular equilátera é a mais harmoniosa. É comum também o uso do termo regência por triplicidade. O triângulo Áries, Leão e Sagitário (signos masculinos, respectivamente regidos por Marte, Sol e Júpiter), posteriormente chamado de triângulo de fogo, foi atribuído ao Sol (dia) e Júpiter (noite), já que Marte não é do setor solar. O triângulo Touro, Virgem e Capricórnio (signos femininos), atualmente chamado de triângulo de terra, foi atribuído a Vênus (dia) e Lua (noite). O triângulo Gêmeos, Libra e Aquário (signos masculinos), hoje em dia chamado de triângulo de ar, foi atribuído a Saturno (dia) e Mercúrio (noite), já que Marte não é do setor solar. O triângulo Câncer, Escorpião e Peixes,

posteriormente chamado de triângulo de água, foi atribuído ao único planeta restante, Marte, que rege Escorpião. Essa triplicidade foi atribuída também a Vênus (dia) e Lua (noite), devido à feminilidade dos signos.

Fogo	♂♂♂	Masculinos	♂♂♂	♂ (dia) ♀ (noite)
Terra	♁♁♁	Femininos	♀♀♀	♁ (noite) ♀ (dia)
Ar	♂♂♂	Masculinos	♀♀♀	♀ (noite) ♁ (dia)
Água	♁♁♁	Femininos	♂♂♂	♂ / ♁ (noite) ♀ (dia)

Ao conceito de regência, ou domicílio, Ptolomeu agrega, no capítulo 19, os de exaltação e depressão (também chamado de queda). Há também o de exílio, que é a posição oposta ao domicílio, que ele não apresenta no livro, mas que é bem comum atualmente. A explicação das exaltações e depressões é a seguinte:

1. O Sol exalta-se em Áries, porque é aí que a duração do dia e o poder de aquecimento do Sol começam a aumentar. A depressão em Libra se dá pelas razões opostas.
2. Saturno, numa posição oposta à do Sol, como nas regências dos signos, exalta-se em Libra e deprime-se em Áries. Onde o calor aumenta, diminui o frio e vice-versa.
3. A Lua exalta-se em Touro, pois é o primeiro signo do seu próprio triângulo e também porque é onde, após uma conjunção em Áries (exaltação do Sol), começa a aumentar a sua luz e altura. Escorpião, signo oposto, é a sua depressão.
4. Júpiter, que produz ventos do norte, alcança o ponto mais setentrional em Câncer, levando seu poder ao apogeu. Exaltação em Câncer e depressão em Capricórnio.
5. Marte é fogo e fica ainda mais em Capricórnio, na culminação sul. Em contraste com Júpiter, Marte recebeu Capricórnio como exaltação e Câncer como depressão.
6. Vênus é úmida e aumenta seu poder em Peixes, anunciando a úmida primavera. Exaltação em Peixes e depressão em Virgem.
7. Mercúrio é mais seco, logo, por contraste, exalta-se em Virgem e deprime-se em Peixes.

Exaltação		Queda
♂	♂	♁
♁	♁	♂
♁	♀	♁
♁	♀	♁
♁	♂	♁
♁	♂	♁
♁	♂	♁

Nos capítulos 20 e 21 aparecem os termos, que são divisões dos signos segundo determinados critérios. Segundo Ptolomeu, no sistema egípcio predomina o critério de governo das casas, mas há inconsistência na ordem e na quantidade. No sistema caldaico, por sua vez, predomina o governo das triplicidades, a sequência é simples, mais plausível, mas não tão autossuficiente. Por isso ele afirma que os termos egípcios são mais dignos de crédito, tanto pela sua utilidade quanto pelos exemplos que os corroboram, mas a distribuição e o número não são explicados por seus autores.

Com base num manuscrito antigo, que contém uma explicação natural e consistente para a ordem e o número, que concorda com os exemplos e com a tabulação dos antigos, Ptolomeu apresenta seus próprios critérios de ordenação de número de termos. Na forma tabular, temos o seguinte:

♈	46	♀ 14	♁ 21	♂ 26	♃ 30
♉	♀ 8	♁ 15	♃ 22	♂ 24	♂ 30
♊	♁ 7	♃ 13	♀ 20	♂ 26	♃ 30
♋	♂ 6	♃ 13	♁ 20	♀ 27	♃ 30
♌	46	♁ 13	♃ 19	♀ 25	♂ 30
♍	♁ 7	♀ 13	♃ 18	♂ 24	♂ 30
♎	♃ 6	♀ 11	♁ 16	♃ 24	♂ 30
♏	♂ 6	♀ 13	♃ 21	♁ 27	♃ 30
♐	48	♀ 14	♁ 19	♃ 25	♂ 30
♑	♀ 6	♁ 12	♃ 19	♂ 25	♂ 30
♒	♃ 6	♁ 12	♀ 20	♃ 25	♂ 30
♓	♀ 8	♃ 14	♁ 20	♂ 25	♃ 30

No capítulo 22, ele ainda apresenta duas outras divisões do zodíaco que considera ilógicas, pois seus argumentos, apesar de plausíveis, não são fundados na natureza, e, como temos visto, Ptolomeu, por sua filiação aristotélica, busca sempre a explicação pela natureza. Para terminar o Livro 1, Ptolomeu esclarece, nos capítulos 23 e 24, mais alguns detalhes sobre aspectos e poderes dos planetas.

Tendo sido expostos até aqui os principais instrumentos para elaborar os prognósticos, o primeiro capítulo do Livro 2 começa identificando os assuntos sobre os quais se podem fazer prognósticos: um mais geral (diz respeito a nações inteiras, países e cidades) e outro genealógico ou genotípico (diz respeito aos indivíduos). E como a abordagem é sempre do mais geral para o mais particular, Ptolomeu apresenta primeiro a razão das simpatias de signos e estrelas com os vários climas, dos corpos celestes com certas regiões, e também as peculiaridades

das nações, que também teriam a ver com o caráter natural das estrelas e dos signos com os quais se familiarizam.

O segundo capítulo é uma descrição geral das características dos habitantes de cada região. Por exemplo, quem vive mais ao sul (do equador ao trópico de verão) tem pele negra, cabelo crespo, hábitos selvagens, estatura baixa e natureza sanguínea; quem vive entre o trópico de verão e as Ursas tem cor e estatura medianas, natureza uniforme e hábitos civilizados. Em cada região surgem traços especiais de caráter e costumes, decorrentes de seus climas, que também variam segundo a situação, altitude ou adjacências, mas que guardam familiaridade natural com as estrelas nos signos.

O capítulo 3 detalha mais as familiaridades entre países e estrelas, atribuindo países a cada signo e caracterizando cada uma das possíveis combinações. A simpatia entre países e partes do zodíaco estende-se também às estrelas fixas com mesma inclinação. Além disso, as regiões onde se encontravam Sol, Lua e ASC na fundação da cidade (tratada como o nascimento de uma pessoa) são mais simpáticas. Sem a hora exata da fundação será simpática a região do MC do governante na época. Ou seja, ao fazer um prognóstico para a tal cidade, essas regiões são consideradas benéficas.

O capítulo 4 apresenta um método para fazer prognósticos específicos, baseando-se em eclipses e movimentos dos planetas. O prognóstico é dividido em quatro partes: regional (acontecimentos em regiões, países e cidades); cronológico (data e duração dos acontecimentos); genérico (com que classes o acontecimento está relacionado); e específico (qualidade do acontecimento propriamente dito). Para isso, o capítulo 5 mostra como identificar os países afetados; o 6, a data, a duração e a intensidade dos acontecimentos; o 7, quem é afetado; e o 8, a qualidade do acontecimento predito.

Nos eclipses, segundo o capítulo 9, deve-se observar as cores dos luminares, dos raios de luz, auréolas e semelhantes. Se a cor cobrir o luminar todo, ou a região que o circunda, a maioria das partes dos países será afetada, caso contrário, apenas a parte para a qual o fenômeno se inclina.

Cor	Efeito semelhante a
Negra ou lívida	Saturno
Branca	Júpiter
Avermelhada	Marte
Amarela	Vênus
Variada	Mercúrio

Quanto aos cometas, pressagiam guerras, tempo quente, condições perturbadas e suas consequências. A posição da cabeça e a direção da cauda do cometa no zodíaco mostram as regiões afetadas: a cabeça aponta o tipo de acontecimento e a classe sobre a qual terá efeito; o tempo de duração do cometa equivale ao tempo de duração do acontecimento; e a posição relativa ao Sol indica o início do acontecimento (no oriente, acontecimentos que chegam rapidamente, no ocidente, vagarosamente).

Após essa descrição da predição dos estados gerais, resta mencionar acontecimentos anuais, como a Lua nova do ano. Para Ptolomeu, é mais apropriado e natural observar as conjunções e oposições de Sol e Lua imediatamente anteriores aos pontos equinociais e solsticiais, especialmente as conjunções onde ocorrem eclipses. Quanto à investigação mensal, os prognósticos de ventos e naturezas mais gerais são feitos pelas qualidades dos signos; e as variações de temperatura, pelas conjunções antes dos referidos pontos, aspectos dos planetas, conjunções e luas cheias nos signos e curso dos planetas. Para isso, no capítulo 11, ele descreve a natureza dos signos e seus efeitos sobre o clima; no 12, indica os procedimentos para uma investigação meteorológica detalhada; e, no 13, mostra os sinais atmosféricos que devem ser considerados para fazer um prognóstico específico:

Nascer ou pôr-do-sol claro, firme e sem nuvens	Bom tempo
Disco variado ou avermelhado, com raios rubros, presença de nuvens paraélicas, formações amareladas de nuvens ou emissão de longos raios	Ventos fortes e que vêm dos ângulos para os quais os sinais apontam
Nascer ou pôr-do-sol escuro ou lívido, com nuvens ou auréolas à sua volta, ou nuvens paraélicas, emissão de raios lívidos ou escuros	Tempestades e chuvas
Lua fina e clara com nada ao redor	Tempo claro
Lua fina e vermelha, com disco da parte	Ventos na direção da sua inclinação

não iluminada visível e perturbado	
Lua escura ou pálida e espessa	Tempestades e chuvas
Lua com uma auréola clara, desvanecendo-se gradualmente	Bom tempo
Lua com duas ou três auréolas	Tempestades (quanto mais auréolas, mais severas as tempestades)
Lua com auréolas amarelas e quebradas	Tempestades com vento forte
Lua com auréolas espessas e enevoadas	Tempestades de neve
Lua com auréolas pálidas ou escuras e quebradas	Tempestades com vento e neve
Auréolas em torno de estrelas e planetas	O que é próprio de suas cores e das naturezas dos astros que circundam
Estrelas fixas muito juntas, que parecem mais brilhantes e maiores do que o normal	Ventos que sopram de sua própria região
Nebulosas opacas, espessas, invisíveis	Chuva torrencial
Nebulosas claras e cintilantes	Ventos fortes
Estrelas Asnos ao norte da Praesepe invisível	Vento norte
Estrelas Asnos ao sul da Praesepe invisível	Vento sul
Cometas	Secas ou ventos (quanto maior, mais severos os ventos)
Estrelas cadentes num ângulo	Vento daquela direção
Estrelas cadentes de ângulos opostos	Confusão de ventos
Estrelas cadentes dos quatro ângulos	Tempestades de todo tipo, com trovões, relâmpagos e semelhantes
Arco-íris	Tempestade depois de tempo limpo e tempo limpo depois de tempestade

Terminados os procedimentos da investigação geral, Ptolomeu apresenta, nos próximos dois livros, os procedimentos da investigação particular, dos quais só veremos os principais pontos, pois são exaustivamente descritivos, o que não nos interessa aqui. No primeiro capítulo do Livro 3, ele reafirma que a teoria dos acontecimentos universais controla o prognóstico particular, pois suas condições são maiores e independentes. No entanto a causa tanto do universal quanto do particular é o movimento dos planetas, do Sol e da Lua, ou seja, o prognóstico baseia-se na observação das alterações nas naturezas próprias que correspondem aos movimentos dos corpos celestes, partindo do cálculo da disposição e dos aspectos dos mesmos. Contudo não há um único ponto de partida para os universais, como vimos anteriormente, investigando eclipses e passagens dos planetas. Para os indivíduos, entretanto, o ponto de vista principal é o singular, ou seja, o mapa natal, e os outros surgirão em momentos da vida específicos,

variando de grau conforme as idades da vida e os sucessivos significados dos ambientes em relação a esse momento inicial. A semente recebe suas qualidades do ambiente, e, ao crescer, suas modificações implicam sempre misturas com matéria que lhe é afim, assemelhando-se cada vez mais com a sua qualidade inicial.

Ptolomeu ainda diz que, se o momento da concepção for conhecido, deve-se tomá-lo como ponto de partida, pois com ele também se conhecem previamente acontecimentos anteriores ao nascimento. Caso contrário, usar o momento do nascimento para determinar a natureza específica do corpo e da alma. No nascimento, que se dá debaixo de uma conformação dos céus semelhante à que governou sua concepção e formação, a criança adquire atributos adicionais, tipicamente da natureza humana. Ou seja, a causa primária é a configuração no momento da concepção. O momento do nascimento tem necessária e naturalmente potencialidade muito semelhante.

O método aqui é diferente do usado na investigação geral, que é muito ampla e não tem um ponto de partida específico. Nos mapas individuais, os assuntos são apresentados a partir da hora do nascimento, que explica todos os acontecimentos naturais. Pode-se fazer o mesmo para a concepção, determinando qualidades peculiares.

No capítulo 2, Ptolomeu mostra o problema instrumental para calcular a fração da hora do nascimento, que vai definir o grau do zodíaco que se eleva, ou seja, o ascendente. Em seguida, define outros fatores importantes a se considerar, sobretudo os planetas que regem o mapa. No capítulo 3 é feita uma subdivisão da ciência das natividades por questões pré-natais, essenciais (que dizem respeito à constituição do sujeito, qualidades gerais do seu temperamento) e acidentais. Todas são examinadas considerando as causas primárias e os aspectos das estrelas aos lugares com os quais têm familiaridade. Ptolomeu ainda apresenta algumas instruções para abordar a interpretação. Do capítulo 4 ao 14, cada um dos assuntos pré-natais e essenciais é esmiuçado por todas as combinações planetárias possíveis, respectivamente pais, irmãos, gênero, gêmeos, monstros, morte de filhos, duração da vida, forma física e temperamento, danos físicos e doenças, qualidade da alma e doenças da alma. Nesses últimos parágrafos, mais uma vez, descortinam-se concepções ontológicas de Aristóteles, principalmente as de ato/potência, essência/acidente e necessidade/contingência.

No primeiro capítulo do Livro IV, que trata das qualidades acidentais, elas são subdivididas em materiais e anímicas. Fazendo descrições gerais de todas as combinações significativas possíveis, o capítulo 2 trata da fortuna; o capítulo 3, da dignidade; o capítulo 4, da qualidade da ação; o capítulo 5, do casamento; o capítulo 6, dos filhos; o capítulo 7, dos amigos e inimigos; o capítulo 8, das viagens para o estrangeiro; o capítulo 9, da qualidade da morte; e o capítulo 10, da divisão dos tempos. Ptolomeu encerra o livro afirmando que cabe ao astrólogo ser hábil para aplicar essas descrições gerais aos casos particulares.

Encerrado este estudo, vejamos agora os fundamentos filosóficos do *Tetrabiblos*, que aparecem principalmente nos três primeiros capítulos do Livro 1.

4.2

Fundamentos filosófico-científicos do *Tetrabiblos*

É por sua abordagem teórica e sistemática, e não por sua originalidade, que o *Tetrabiblos* se destaca no cânone astrológico, pois, até então, os textos astrológicos eram apresentados na forma de versos ou de manuais práticos. Para muitos comentadores atuais, isso é um grave defeito da obra de Ptolomeu, pois não refletiria a prática astrológica como realmente era em seu tempo, tratando-se de uma “astrologia ptolomaica”, uma versão anômala da astrologia grega (Holden, 1988, p. 12). Jim Tester (1987, p. 66) diz que “o resultado do requisito crítico filosófico é que seu trabalho [de Ptolomeu] é mais limitado e geralmente mais simples do que o de outros astrólogos gregos”. Sem entrar no mérito dessa querela aporética sobre o que seria uma versão anômala da astrologia grega, vale lembrar que, apesar de não dar exemplos de mapas astrológicos, nem citar nenhum astrólogo pelo nome, nem tampouco descrever exaustivamente todas as combinações interpretativas possíveis, foi Ptolomeu que, ao contrário de seus contemporâneos, nos legou uma filosofia da astrologia, voltando-se criticamente para o seu objeto, sempre buscando explicações racionais para cada sentença emitida, sem receio de expor seus problemas, como veremos adiante. Isso para não falar das questões teóricas que tratou, como a precessão dos equinócios,³⁸

³⁸ A precessão dos equinócios é um fenômeno contínuo de deslocamento do ponto equinocial vernal (1° a cada 72 anos), no sentido contrário à ordem das constelações, ou seja, a cada 2 mil anos, aproximadamente, há um movimento aparente de retrogradação de 30° do ponto equinocial

registrando o início do zodíaco como o ponto equinocial vernal (zero grau de Áries, início da primavera no hemisfério norte), ou seja, brindando a posteridade com a distinção entre signos e constelações, que já era conhecida pelos seus contemporâneos.

Essa questão é importante, pois até hoje costuma frequentar o discurso antiastrológico de pessoas mal-informadas que acham que a astrologia ocidental trabalha com constelações. O exemplo mais recente disso foi a matéria “Astronomia versus Astrologia” da revista *Ciência Hoje*, no. 256, vol. 43, de janeiro/fevereiro de 2009. Nessa matéria, assinada por Carlos Alexandre Wuensche, nos deparamos mais uma vez com um astrônomo (incomodado por ser confundido com um astrólogo em conversas informais) retomando publicamente essa discussão improdutiva, que só serve mesmo para revelar o seu desconhecimento de conceitos básicos da astrologia (o conceito de signo é um exemplo), para não dizer de sua história, que por sinal é comum à astronomia (ele menciona o *Tetrabiblos*, mas, equivocadamente, afirma que Ptolomeu viveu no século II a.C., quando de fato viveu no século II d.C.). Wuensche recheia sua retórica com etimologia, grandes nomes e resultados de pesquisas, mas, ao fim e ao cabo, não agrega nada em termos críticos, teóricos ou históricos. Há vários outros exemplos desse tipo de atitude, alguns já apresentados em outros trabalhos (Machado, 2006), por isso é melhor não desdobrarmos mais essa questão. Para encerrar esse assunto, vale lembrar que o dogmatismo, a retórica (no seu pior sentido) e a crítica mal-informada não só frequentam o meio astronômico, mas também o astrológico, e, infelizmente, em larga escala. Voltemos ao nosso tema.

Para Ptolomeu, que reflete concepções filosóficas do seu tempo, especialmente platônicas, aristotélicas e estoicas, a astrologia é um estudo científico porque opera segundo leis naturais, e não uma teologia ou arte mística, e é ainda Ptolomeu que:

estabelece um fundamento científico para a astrologia: cria os conceitos básicos do seu sistema de astrologia, elabora os detalhes desse sistema, tentando unificar

vernal em relação às constelações. Com isso, signos e constelações só se encontram sobrepostos a cada 26 mil anos, o que não afeta em nada a astrologia, já que o sistema astrológico baseia-se nos signos. Essa é a descrição do que vemos da Terra, porque, na verdade, trata-se do movimento do eixo de rotação da Terra, que se assemelha ao movimento de um pião parando e se dá no mencionado período de 26 mil anos, aproximadamente. Esse movimento define um círculo no céu dos polos, ou seja, os polos acabam apontando para estrelas diferentes a cada época. Atualmente, o polo norte, por exemplo, aponta para a estrela polar. Cf. Machado, 2006, p. 71-73.

os diversos fenômenos do cosmos de acordo com esse conjunto de conceitos. [Além disso, o termo] “científico” não é um anacronismo. No trabalho de Ptolomeu, a palavra φυσικός é melhor traduzida como “científico”. (Riley, 1988, p. 67-68)

Nas suas principais obras astrolômicas – o *Almagesto* e o *Tetrabiblos* –, Ptolomeu apresenta respectivamente a astronomia e a astrologia. No entanto os termos “astronomia” e “astrologia” ainda não eram usados com toda essa desenvoltura, sendo intercambiáveis, como já vimos no segundo capítulo. A rigor, na primeira passagem do *Tetrabiblos*, onde se estabelece a diferença clássica entre os dois domínios, Ptolomeu nem faz distinção terminológica,³⁹ falando em “ciências que fornecem prognósticos pelo emprego da astronomia”:

Das ciências que fornecem prognóstico pelo emprego da astronomia, ó Syros, duas têm mais importância e autoridade. Por meio de uma delas, primeira em ordem e poder, compreendemos as configurações usuais dos movimentos do Sol, da Lua e dos astros em relação uns com os outros e com a Terra. Por meio da segunda, usando a natureza dessas configurações, investigamos as particularidades que concretizam as transformações no ambiente à sua volta. (I-1-1, p. 2)⁴⁰

Apesar da não-distinção terminológica, fica clara a demarcação de duas práticas diferentes, porém intrinsecamente ligadas. Portanto, com todo o cuidado necessário, podemos dizer que a astronomia é definida, nesse primeiro parágrafo do *Tetrabiblos*, como a ciência que trata dos movimentos dos corpos celestes, que são regulares, imutáveis e perfeitos; e a astrologia, como a ciência que trata das mudanças que os movimentos dos corpos celestes provocam nas coisas terrenas. Indo um pouco mais além nessa distinção, Ptolomeu afirma a relação entre ambas:

A primeira ciência tem a sua própria teoria, que é desejável por si, apesar de não ter a mesma eficácia que teria se estivesse combinada com a segunda. Essa ciência foi apresentada para ti, de maneira apodítica e da melhor forma possível no seu próprio tratado. Sobre a segunda ciência, que não é igualmente autônoma, faremos agora uma exposição de acordo com o modo filosófico. Dessa maneira, alguém que tenha sobretudo um compromisso com a verdade, em primeiro lugar, não compararia a sua apreensão com a da primeira ciência, que sempre tem

³⁹ Cf. nota 24.

⁴⁰ Todas as menções aos dois primeiros capítulos do *Tetrabiblos* foram traduzidas do grego por Marcus Reis, no âmbito do nosso grupo de estudos de Cosmologia e Ética no helenismo. Para isso, tomamos como base a edição crítica de Robbins (1940). O número em algarismos romanos diz respeito a um dos quatro livros que compõem a obra, o número a seguir é o do capítulo do referido livro, e a paginação do manuscrito vem na sequência. Como essa paginação não coincide com a da edição de 2001, informamos também a página nessa edição. Todas as outras citações foram traduzidas dessa mesma edição, porém do inglês.

invariavelmente resultados mais seguros, ao contrário da segunda, que admite a fraqueza e a obscuridade da qualidade material nas muitas coisas. Em segundo lugar, essa mesma pessoa também não se absteria da investigação possível, já que é tão evidente que a causa da maioria das coisas e da totalidade dos eventos é esclarecida a partir do ambiente. (ibid., p. 2-4)

Nessa passagem evidencia-se a dependência que a astrologia tem da astronomia, afinal, sem a segurança dos cálculos e medições astronômicas, não seria possível fazer os prognósticos. Por outro lado, fica evidente também que a astronomia não tem muita utilidade sozinha. Contudo, numa declaração de suas premissas aristotélicas, Ptolomeu mostra que as duas ciências são incomparáveis, pois uma trata da regularidade das coisas universais, do mundo celeste, enquanto a outra lida com as idiosincrasias das coisas particulares, ou seja, das transformações causadas no mundo terrestre. Em Aristóteles, resumidamente, temos o seguinte: 1) o céu e os corpos celestes são tratados como incorruptíveis e imutáveis; 2) o movimento dos astros é regular, eterno, circular e perfeito; 3) há uma diferenciação entre mundo superior e mundo inferior; 4) o mundo inferior é o mundo do devir; e 5) o mundo sublunar é governado pelo mundo supralunar (exatamente como postula a astrologia).

Seguindo um pouco mais nessa caracterização ptolomaica da astrologia, aparecem os primeiros sinais da crítica:

Sobre as duas apreensões mencionadas, já que, para a maioria das pessoas, tudo que é difícil de alcançar tem uma natureza que é facilmente exposta à má interpretação, as difamações da primeira só poderiam ser feitas por cegos, mas as da segunda até que são bem plausíveis. Isto porque, para alguns, a dificuldade de teorizar essa ciência produz a sua fama de ser completamente inapreensível, ou a dificuldade de evitar o que foi conhecido (por seu intermédio) destrói a sua finalidade, tornando-a inútil. (ibid., p. 4)

Apesar de considerar plausíveis os argumentos contra a astrologia, sobretudo os que tratam da impossibilidade de teorizar sobre algo que lida com situações particulares e da inutilidade de saber antecipadamente o que vai acontecer já que não se pode evitá-lo, Ptolomeu se dedica a abordar cada um desses pontos – a possibilidade e a utilidade da astrologia – nos dois capítulos seguintes.

Ainda nos primeiros capítulos do *Tetrabiblos*, depois de fazer a já citada distinção entre os domínios astronômico e astrológico, Ptolomeu deixa claro a que veio: demonstrar “que o conhecimento por meio da astronomia é apreensível e até

que ponto” (I-2-2, p. 4). Apesar de oscilar entre argumentos físicos e simbólicos,⁴¹ Ptolomeu afirma que mesmo observadores que não usem meios científicos, como agricultores e marinheiros, perceberão as consequências de configurações mais óbvias, como as do Sol e da Lua. Desse modo, conhecendo detalhadamente o ambiente, é possível relacioná-lo não só com a qualidade do ar num determinado momento (aplicação meteorológica), mas também com a qualidade geral do temperamento de um indivíduo no momento do seu nascimento, já que “por um lado, um tipo de ambiente é proporcional a um tipo de mistura e pode contribuir para a saúde, e, por outro lado, outro tipo de ambiente é desproporcional e contribui para a adversidade” (I-2-6, p. 12).

Vale lembrar que aqui também há um diálogo direto com a física aristotélica, que é francamente qualitativa, ou seja, as coisas têm qualidades intrínsecas que determinam o seu papel no mundo. O movimento, por exemplo, é uma qualidade da coisa que se move (se não for forçada por um agente). Por ser uma física qualitativa, o raciocínio subjacente é o da semelhança. Outro exemplo é a perfeição como qualidade do céu, que não tem começo, é constante e sempre igual a si mesmo, de maneira semelhante ao círculo. “Assim, os céus são esféricos e seu movimento será circular, porque a qualidade de ser perfeito o exige” (Camenietzki, 2000, p. 21). É exatamente nesse caráter qualitativo da física de Aristóteles que se encontra a interseção com a medicina e a astrologia de sua época.

De maneira geral, segundo Ptolomeu, ninguém duvida da importância de conhecer os ciclos da natureza para, por exemplo, plantar, navegar ou se defender contra o frio do inverno. Entretanto, segue ele, há quem duvide da importância de conhecer os ciclos da natureza para assuntos individuais, ou porque não acreditam na possibilidade desse tipo de prognóstico, ou porque duvidam que seja possível evitar seus efeitos.

Em relação às críticas que a astrologia já sofria nessa época, Ptolomeu as considera inadequadas, principalmente no que diz respeito à forma como ele aborda a astrologia, a saber: de maneira indutiva, conjectural e qualitativa.

⁴¹ Um exemplo dessa mistura de argumentos é o seguinte: “A Lua, sobretudo por ser o astro mais perto da Terra, também distribui seu **efluxo** no mundo terreno, pois a maioria das coisas animadas e inanimadas está em **sintonia** com a Lua e se modifica de acordo com ela” (I-2-3, p. 6, nossos grifos). Uma discussão mais detalhada sobre essa tensão entre as concepções física e simbólica da astrologia encontra-se na próxima seção.

Reconhece que há muitos que não são bem instruídos na astrologia, que provocam “a opinião de que até mesmo os que são bem-sucedidos o são por acaso, mas isso é incorreto. Tal argumento não é sobre a ciência, mas sobre a incapacidade dos que a praticam” (I-2-6, p. 12). Admite também que muitos tiram proveito e enganam as pessoas em nome da astrologia, quando na verdade estão usando outras técnicas preditivas. Entretanto, para Ptolomeu, não se deve abolir a astrologia porque há “alguns indignos” entre os que a praticam:

A maioria dos que, para ter lucro, julgam digno confiar em outra técnica usando o nome dela [astrologia], por um lado enganam os leigos, porque parecem prever muitas coisas, até mesmo aquelas que por natureza não podem ser objeto de prognóstico. Por outro lado, por causa disso, dão oportunidade aos mais esclarecidos de criticar até aquelas coisas que podem ser previstas por natureza. Mas isso não é necessário. Nem se deve desprezar a filosofia dessa forma porque alguns indignos parecem praticá-la.⁴² (ibid.)

Ptolomeu admite a falha das previsões astrológicas, justificando-as pela dificuldade empírica de se observarem configurações planetárias com exatamente as mesmas condições celestes, e também porque há outras circunstâncias a considerar, como a educação e os hábitos, que “também contribuem para o curso da vida” (ibid., p. 17-19). Ou seja, nem tudo pode ser compreendido pela astrologia, apenas o que está dentro da sua jurisdição – as faculdades e atividades do corpo e da alma –, como doenças, propriedades, casamento, honra, dignidade, além das coisas que acontecem de tempos em tempos.

Ademais, antes de entrar propriamente na teoria astrológica, ele também se detém em apresentar a utilidade do “prognóstico pelo emprego da astronomia”. Apesar de muitos de seus contemporâneos acharem supérfluo saber de antemão o que vai acontecer inevitavelmente, para Ptolomeu, esse tipo de prognóstico é bom para a alma – pois fornece uma visão geral das coisas humanas e divinas – e para o corpo – porque informa sobre o que é apropriado para cada temperamento. Ele argumenta a favor da prevenção, da preparação da alma para os eventos que podem ocorrer, no sentido de “aceitar com calma e serenidade o que quer que aconteça” (I-3-11, p. 23), acrescentando que, nas coisas terrenas, há interferências de outras causas, além das celestiais (causas primárias), como o acaso, o ambiente

⁴² Este argumento de Ptolomeu para defender a astrologia é semelhante ao encontrado em *A república*, 495c, onde Platão defende a filosofia.

e a sequência natural (decorrente da causa primária), que podem servir de “forças de resistência” (ibid., p. 25).

Nesse ponto, Ptolomeu explicita a aproximação entre física e ética tão cara ao pensamento helenístico. Em termos práticos, o astrólogo, assim como o médico, é capaz de reconhecer as causas dos acontecimentos e receitar os remédios adequados, evitando que ocorram ou diminuindo seus efeitos:

Se os acontecimentos futuros dos homens não forem conhecidos, ou se forem conhecidos e os remédios não forem aplicados, eles seguirão sem dúvida o curso da natureza primária; mas se forem reconhecidos antes do tempo e os remédios forem fornecidos, novamente de acordo com a natureza e o destino, ou eles não ocorrerão ou serão menos graves. (ibid., p. 27-29)

Apesar da falibilidade dos prognósticos e do caráter parcial da prevenção, Ptolomeu reafirma a utilidade da astrologia. Para ele, ainda que se tenha produzido a opinião de que “absolutamente todos os eventos futuros sejam inevitáveis e inescapáveis” (ibid., p. 31), a possibilidade de uma “prática defensiva [...] deve ser bem-vinda, apreciada e considerada vantajosa” (ibid.).

É importante registrar também que a concepção de mundo no período helenístico, que produziu a sistematização da teoria astrológica, é a que está descrita no *Timeu*, de Platão (2001). Segundo Marcus Reis (2004, p. 25-34), há pelo menos quatro pontos importantes no *Timeu* que corroboram isso: 1) visão teleológica da realidade, que nos possibilita dar sentido aos fenômenos celestes e traçar uma relação com os terrestres; 2) isonomia entre o cosmos, a cidade e o homem, ou seja, essas três instâncias da realidade possuem estruturas semelhantes e correlatas; 3) estudo das características e funções dos quatro elementos (fogo, terra, água e ar); 4) crença de que o homem deve buscar pautar sua vida e sua alma de acordo com as revoluções dos orbes celestes. Ou seja, em Platão já se pode inferir uma relação entre macrocosmo e microcosmo, entre *physis* e *ethos*, enfim, entre o céu e a ação humana.

Essa aproximação realizada pelos antigos gregos entre física e ética, iniciada por Platão, mas levada a cabo sobretudo pelos estoicos, para quem “virtude é viver de acordo com a natureza” (Laêrtios, 1977, p. 201), compõe um solo fértil para a astrologia. A noção de destino, que se destaca no estoicismo, mas na forma de *logos*, ou seja, como essa relação necessária e racional que existe entre os acontecimentos, gera uma outra discussão cara tanto à astrologia quanto à

filosofia de maneira geral, que é a questão da liberdade. Afinal, se o homem é um microcosmo dentro do macrocosmo, que é fechado, ordenado e regulado por uma lei causal, então poderíamos perguntar: viver segundo a natureza seria aceitar seu teor de determinismo, já que todas as coisas estão interconectadas por esse elo inflexível? Segundo Marcus Reis (2009), é a partir de Crisipo e Epiteto que podemos encontrar uma resposta para isso, a partir de noções como expectativa e autoconhecimento:

Trata-se de uma nova forma de encarar a noção de liberdade: retiramos a noção de escolha e introduzimos a de autoconhecimento. No verdadeiro conhecimento de si mesmo e do mundo que nos toca está a liberdade: [...] o homem é realmente livre a partir do momento em que aprende a aceitar completamente os fatos que ele não pode modificar, os fatos externos. Tal aceitação é fruto de um trabalho interno, um trabalho sobre as expectativas que temos da vida. Viver de acordo com a natureza é a única virtude do homem livre, pois somente ele está de acordo com os fatos que necessariamente devem acontecer. Nesse sentido, há algum espaço para o homem trabalhar dentro do destino determinista do estoicismo, pois ele pode e deve modificar suas atitudes internas.

Com tudo isso, podemos dizer que, sempre em busca de demonstrar as causas naturais do sistema astrológico e de esclarecer a sua dimensão ética, ou seja, a sua relação com a vida prática, Ptolomeu menciona a medicina não só como uma das principais aplicações da astrologia, mas principalmente para explicitar seu caráter prognóstico, diagnóstico, terapêutico e preventivo.

4.3

Tensão entre as concepções física e simbólica

Em seu artigo, “A influência de Aristóteles na obra astrológica de Ptolomeu (o *Tetrabiblos*)”, Roberto Martins faz uma análise do *Tetrabiblos*, comparando-o com outras obras da época, e defende que a grande influência de Ptolomeu, ao contrário do que afirma a interpretação tradicional, é de Aristóteles – e não dos estoicos –, considerando-se que a cosmologia aristotélica admite que eventos terrestres, como os fenômenos meteorológicos, as marés, as formações rochosas e a geração de vida na Terra, sejam afetados pelos movimentos dos corpos celestes, conforme postula a astrologia (Martins, 1995, p. 51-78). Por outro lado, em seu artigo “Science and tradition in *Tetrabiblos*”, Mark Riley lembra que “Ptolomeu indica várias vezes que não é a *estrela* ou *signo* que produz um certo

efeito, mas a *qualidade* da estrela ou signo, e que uma determinada qualidade sempre produzirá o mesmo efeito” (Riley, 1988, p. 68, nota 4).

Delineia-se aqui uma discussão sobre se a natureza da astrologia é física ou simbólica. Sem adentrar o problema realismo/construtivismo em ciência, já mencionado no segundo capítulo desta tese, a questão aqui é se a astrologia postula a existência de emanções físicas dos astros, que seriam responsáveis pela geração de vida na Terra, conforme a física de Aristóteles, ou se é uma questão de solidariedade entre as qualidades do céu e as qualidades das entidades que se forjam num determinado tempo/espço, o que decerto depende da capacidade humana de ler e dar sentido a sinais, indícios e símbolos, tratando-se exclusivamente de uma construção cultural. De fato, essa discussão só se pode colocar com o advento da ciência moderna, já que, até então, seria um anacronismo falar em concepções física e simbólica, pois a física antiga, inclusive a de Aristóteles, baseada no raciocínio por semelhança, incorporava conceitos que hoje são considerados simbólicos, como qualidades, elementos, humores e simpatias.

Vale lembrar que a física aristotélica começou a ser questionada nos séculos XVI e XVII, sendo abandonada a partir de Newton, daí a chamada decadência da astrologia. Desde então, assumimos que a Terra é um planeta como qualquer outro, ou seja, “o *Principia* de Newton destruiu a antiga distinção entre superiores e inferiores” (Thorndike, 1955, p. 277), o que não significa que estivesse atacando a teoria astrológica, até porque Newton também pensava a astrologia, apesar de a história da ciência ter ignorado isso até muito recentemente. A questão que se coloca é: após a derrocada da física aristotélica, será que se pode pensar na astrologia como um sistema natural e causal que postula realmente a ação (seja ela de que tipo for) de certas posições planetárias sobre a vida na Terra? Ou seja, será que hoje em dia podemos compatibilizar a astrologia com as concepções da física, como fazia Ptolomeu em seu tempo? Claro que a resposta não é trivial, até porque a física contemporânea já tem seus problemas teóricos e de compatibilização para dar conta.

Do ponto de vista simbólico, entretanto, “a premissa astrológica é que as qualidades de qualquer entidade se confundem com as qualidades do estado do céu no momento em que ela surge para o mundo” (Costa, 2005, p. 2), numa espécie de sincronicidade, nada tendo a ver propriamente com a noção de

causalidade e com os planetas empíricos, e sim com as qualidades que lhes são atribuídas. O conceito de planeta em astrologia, portanto, não é o mesmo que em astronomia, trata-se de um outro arcabouço teórico, outros objetos, outros métodos. A astrologia pode ser entendida como uma matriz discursiva, uma linguagem com sintaxe e semântica próprias, baseada num sistema de classificação que oferece um sentido às narrativas de vida (Costa, 2005). A astrologia se descolaria, assim, da física e das ciências naturais, aproximando-se da antropologia e da semiótica, mas constituindo seu próprio paradigma. Entendida por essa perspectiva, não faz mais sentido boa parte das controvérsias em torno da sua cientificidade (Machado, 2006). Vejamos, pois, essa linguagem.

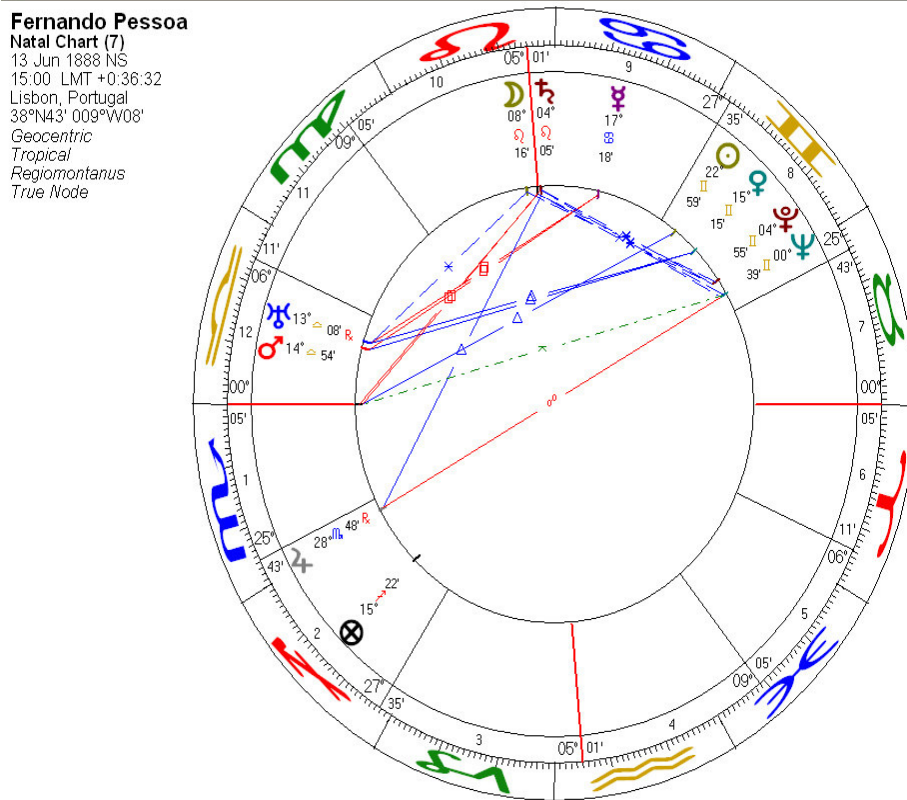
4.4

A linguagem astrológica

Na teoria geral astrológica, podemos identificar claramente a presença de três elementos básicos. São eles: os signos zodiacais, os planetas e as casas astrológicas. As relações entre esses elementos representam as classes funcionais de padrões de configuração do céu. A cada um desses padrões ou formas sintáticas podemos atribuir, sob a ótica do que a respectiva relação define, um significado simbólico que, em composição com os demais padrões identificados, permite compreender a totalidade de um certo fenômeno astrológico. Por fenômeno astrológico entenda-se qualquer relacionamento identificável entre determinadas configurações celestes e certos eventos terrestres, cuja materialidade encontra-se num mapa.

Inicialmente é possível caracterizar esse quadro, identificando as seguintes relações binárias básicas entre os três elementos: planeta em signo, planeta em casa e casa em signo. Os signos, representantes das diversas formas de manifestação do todo (o zodíaco), encarnam em si as diversas facetas dessa totalidade. Os planetas, no papel mitológico de representantes antropomorfizados da obra divina (totalidade), definem, por sua vez, maneiras de ser desse todo, constituindo-se, portanto, em implementadores de certas potencialidades zodiacais. As casas, identificadas simbolicamente como setores da vida humana, definem o escopo de atuação dos planetas como intérpretes da potencialidade de

uma certa faceta do todo, amarrando uma forma de se exercer uma determinada qualidade a um setor prático da vida.



O mapa astrológico, como vemos no exemplo acima, é apresentado graficamente em uma mandala, que é uma antiga designação para “círculo”. O círculo é um dos símbolos mais comuns para representar a unidade. Essa mandala está disposta em três níveis concêntricos. Na borda externa, situa-se a roda dos signos. Cada um deles cobre uma extensão de 30^0 , e os doze perfazem o total de 360^0 do círculo.

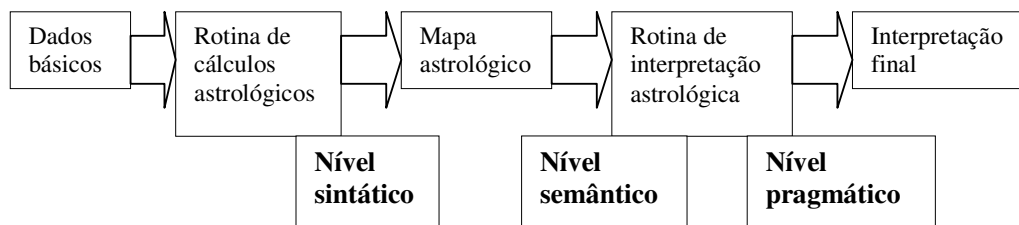
No nível intermediário da mandala, há doze divisões, que correspondem às casas. A Casa 1 começa no Ascendente e as demais se sucedem até completarem o círculo. Aí são colocados os planetas, cada um deles diante do signo e do grau do zodíaco onde se encontravam no dia e na hora do evento/nascimento em questão. Como esse é o nível que também mostra a divisão das casas, é possível acompanhar a localização de cada planeta por signo e por casa. O nível interno consiste de um espaço vazio, onde são traçados os aspectos. Os aspectos mais utilizados são a conjunção (distância de 0^0), o sextil (distância de 60^0), a

quadratura (distância de 90^0), o trígono (distância de 120^0) e a oposição (distância de 180^0).

Para todo e qualquer evento/nascimento, o mapa contém os mesmos doze signos, doze casas e dez planetas. Porém a distribuição dos planetas pelos signos e casas varia de mapa para mapa. Sendo assim, o número e o tipo de aspectos planetários também não são os mesmos.

É possível identificar, dentro da comunidade astrológica, um método de trabalho comum para estabelecer o mapa de um evento a partir de dados simples, como data, hora e local do evento. A leitura desse mapa é um processo de tradução similar ao da linguagem natural.

Apesar de a aplicação de qualquer linguagem ser um todo orgânico, tradicionalmente divide-se a linguagem em sintaxe, semântica e pragmática. Grosso modo, a sintaxe trata da relação dos signos entre si, a semântica, da relação dos signos com os objetos reais, e a pragmática, da relação dos signos com os usuários. Sintaxe e semântica constituem a parte estável e formalizável da linguagem, e a pragmática, a parte instável, pois diz respeito ao uso e, portanto, não é tão claramente formalizável quanto a sintaxe e a semântica, que lidam, respectivamente, com a expressão e com o significado. Em astrologia, percebe-se igualmente três níveis de abordagem – sintático, semântico e pragmático –, como mostra a figura a seguir:



Para analisar a linguagem astrológica, é possível partir, como numa gramática gerativa, do nível sintático, para produzir as sentenças válidas astrológicamente, ou seja, válidas dentro da linguagem astrológica, por meio de regras bem definidas sintática e semanticamente.

A rotina de cálculos astrológicos já está formalizada e pode ser obtida em qualquer programa de astrologia⁴³, ainda que haja algumas variações sobre esse

⁴³ Só para ilustrar, Vega, BlueStar e Canopus são alguns exemplos de programas comerciais de astrologia.

tema de um programa para outro. Ela baseia-se em teorias astronômicas, mais precisamente em trigonometria esférica, cálculos de efemérides e mecânica celeste. Pode-se dizer que se caracteriza pela manipulação simbólica, pelos cálculos matemáticos que compõem o nível sintático dessa linguagem.

O mapa astrológico é a representação gráfica desses cálculos, podendo ser entendido como um intermediário entre os níveis sintático e semântico, considerando-se que já guarda em si um nível pré-interpretativo, ou seja, ao olhar o mapa, um astrólogo já determina um nível inicial de significação, que pode ser descrito por uma rotina de interpretação.

A rotina de interpretação astrológica é a mais problemática em termos de formalização, posto que deve descrever os procedimentos de um astrólogo ao interpretar um mapa, esclarecendo a relação entre as expressões e seus significados. Constitui, assim, o que podemos chamar de nível semântico dessa linguagem, integrando, num modelo lógico consistente, um conjunto de fórmulas da linguagem astrológica, a partir do qual é possível fazer deduções.

A formalização da interpretação final de um mapa astrológico depara-se com problemas similares aos formulados por Rudolf Carnap sobre a pragmática da linguagem natural. Na esteira da tradição do positivismo lógico, com seus ideais de uma linguagem universal e neutra que pudesse atender às demandas da ciência, Carnap enfatizava a sintaxe e a semântica puras, considerando que não era possível tratar a pragmática analiticamente devido à diversidade inerente ao uso. Para analisar a linguagem, seria necessário, então, efetuar uma redução da pragmática à semântica e, em seguida, à sintaxe (Carnap, 1946, p. 9).

Dessa maneira, entendemos que, ao se dar a relação com o “usuário final”, ou seja, ao se formular a interpretação de um mapa astrológico no nível pragmático, entram em cena variáveis difíceis de controlar, como as experiências de vida do astrólogo e do consulente, o contexto social em que se inserem, suas respectivas formações, entre outros elementos. Talvez seja possível afirmar que se estabelece aí um jogo de linguagem no sentido wittgensteiniano e, portanto, não passível de uma análise teórica, o que, para Wittgenstein, não constitui um problema, já que seu método de análise busca uma outra forma de explicitar o que está implícito, que não a redução da linguagem à semântica e à sintaxe. Em suas *Investigações filosóficas*, Wittgenstein (1987) não pretende construir uma linguagem perfeita, como Carnap, e tampouco alguma espécie de teoria. Ao

definir que o significado é dado pelo uso, Wittgenstein formula uma concepção pragmática da linguagem, estabelecendo também que não há hierarquia entre os diversos usos. Ou seja, entendidas como jogos de linguagem, uma prática científica tem o mesmo valor que uma prática astrológica, tradutória ou qualquer outra.

Apetrechados com o conteúdo do *Tetrabiblos*, a sua fundamentação técnica e filosófica, e também com alguns problemas e questionamentos que se impuseram, e ainda se impõem, à astrologia, podemos seguir adiante nessa biografia, dando início propriamente à sua história de traduções. No capítulo que se segue, veremos o contexto de escrita e das primeiras reescritas da obra astrológica de Ptolomeu.